Moção de Solidariedade à Revolução Bolivariana na Venezuela.

Desde 1999, a República Bolivariana da Venezuela passa por intensas transformações sociais que reposicionaram o país no cenário internacional, contribuindo com a integração latino-americana com a construção da ALBA, e possibilitaram melhoria nas condições de vida de sua população. Com a ascensão de Hugo Chavez no governo, a Venezuela retirou mais de 18 milhões de pessoas da linha de pobreza e, com a nova Lei Organica do Trabalho, dos Trabalhores e Trabalhadoras (LOTT), direitos como a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais e o fim da terceirização foram conquistados.

Na educação, erradicou o analfabetismo e expandiu de forma intensa a oferta de vagas públicas na rede superior de ensino, tendo como símbolo a criação da Universidade Bolivariana da Venezuela, voltada para as classes populares, que hoje possui cerca de 1 milhão de estudantes, presente em todas as províncias do país. Tudo isso a partir da retomada das suas riquezas naturais, em especial do petróleo, que antes eram entregues aos países estrangeiros.

Estas conquistas tiveram o povo como protagonista. A disputa em torno do rumo da nação venezuelana se faz cotidianamente num amplo processo democrático com inúmeras consultas populares, como plebiscitos e referendos que contam com a participação de observadores internacionais. Entretanto, na medida em que os setores conservadores acumulam inúmeras derrotas nas urnas, tentam de diversas maneiras desestabilizar o governo constitucionalmente estabelecido e democraticamente eleito, cujo episódio mais simbólico foi, em 2002, uma tentativa frustrada de golpe, patrocinado por associações patronais, banqueiros e Washington, que tentou tirar Chavez do presidência da Venezuela.

Com a morte de Hugo Chavez, novamente o povo venezuelano soberanamente foi às urnas e decidiu seguir com Maduro as transformações desejadas. E é neste contexto que parte das manifestações recentes no país contam mais uma vez com o apoio da mesma imprensa conservadora e golpista que tentou derubar Chavez em 2002. Infelizmente, a grande mídia brasileira, dominada por algumas poucas famílias que obteveram suas concessões nos marcos da Ditadura Militar, soma-se a estadunidense CNN e prefere deslegitimar as conquistas populares obtidas pelo povo venezuelano e reproduzir a versão conservadora das elites daquele país. A mesma cobertura não se faz nas manifestações que trabalhadores e trabalhadoras tem empreendido em apoio à Revolução Bolivariana, num clássico exemplo de invisibilidade da luta popular.

A União Nacional dos Estudantes lamenta as mortes ocorridas nas manifestações e condenamos a instrumentalização destas pelas forças conservadoras, que como fizeram em 2002, tentam utiliza-las para colocar o povo contra o governo. Nesse momento precisamos aprofundar o processo bolivariano sem ceder a pressões da direita golpista. Nenhum passo atrás! Posicionamo-nos ao lado da democracia e repudiamos qualquer tipo de tentativa de imposição ditatorial, seja na Venezuela como também em toda a América Latina.

Fuerza, Venezuela!